



CIEA7 #26:  
MODERNIDADES Y MEDIA.

Anderson Ribeiro Oliva<sup>o</sup>

oliva@unb.br

## Visões da África

Representações e ideias acerca do continente africano nas capas da Revista Visão (1993-2006)<sup>1</sup>

*O presente texto possui como objetivo maior analisar as representações elaboradas sobre a África e os africanos em doze capas da Revista Visão, publicadas entre 1993-2006. Defendemos a perspectiva de que as ideias de África veiculadas por este integrante do mass media português contemporâneo refletem e projetam as representações recorrentes sobre a temática nos cenários mentais de grande parte de sua população, ao mesmo tempo em que, influenciam a elaboração deste imaginário coletivo, revelando um importante mecanismo de invenção da memória coletiva sobre determinado assunto.*

Africanos, Imaginário coletivo português, Representações.

---

<sup>o</sup> Professor do Departamento de História, Universidade de Brasília / Apoio Finatec.

<sup>1</sup> Este texto é parte do terceiro capítulo de minha tese de doutorado intitulada, “*Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005)*”, defendida em setembro de 2007 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. O trabalho recebeu apoio financeiro da Capes. A participação no Congresso foi financiada pela FINATEC.

Africano é então todo e qualquer cidadão de origem africana, seja ou não nascido em Portugal, tenha ou não nacionalidade portuguesa, seja ele “preto” ou “mestiço”, e que independe da situação legal que possua (...). Por outro lado, africano é, antes de mais nada, categoria referencial que opera o senso comum no quotidiano das vivências entre os imigrantes negros e portugueses de modo a definir qualquer pessoa de pele negra e, com isso, atribuir-lhe a condição “estrangeira”. (Neusa Maria Mendes de Gusmão. *Os filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2004, p. 111).

O presente texto tem como objetivo principal promover uma reflexão circunstanciada acerca do imaginário contemporâneo português construído sobre a África e os africanos. Se, no período correspondente aos dois últimos séculos, podemos encontrar uma série de representações específicas, nas quais, se associam um grande número de estereótipos e teorias, com aplicações e existências diferenciadas, e que foram reinventados ou apropriados no exercício de representar ao Outro/Africano, é necessário identificar as representações que circulam atualmente em Portugal. Mesmo que essas imagens fabricadas não sejam homogêneas e nem exclusivas – já que possuem vários pontos de interseção e complementação - elas revelam como as relações históricas contemporâneas, tecidas entre Portugal e a África, influenciaram os mecanismos utilizados no esforço de entender, diferenciar, tentar incorporar ou rejeitar ao Outro/Africano, empregados por um dos lados dessa moeda identitária

Para evitar interpretações apressadas seremos claros: temos consciência de que esses relatos não explicam ou dimensionam todas as perspectivas imaginárias elaboradas acerca do continente e muito menos refletem os heterogêneos olhares lançados sobre os africanos e sobre suas realidades. Ou seja, não tomamos as peças jornalísticas, aqui selecionadas, como símbolos absolutos dos olhares dirigidos sobre o continente ou como retratos verdadeiros de uma realidade. Muito menos reduzimos todo um complexo e diferenciado conjunto de representações às ideias e às imagens geradas sobre a África a partir de algumas das reportagens aqui observadas, até por que entre elas encontramos visões discordantes. De acordo com a historiadora Márcia Coelho Flausino, “longe de se constituir em espelho do real, a notícia, resultado da linha de produção jornalística, acaba por informar de uma maneira específica” (1999: 41).

No entanto, para nossa perspectiva de abordagem, elas servem como ponto de apoio para a apresentação de uma argumentação mais ampla em torno da questão e são, sem sombra de dúvidas, reflexos de uma mentalidade; espectros de elementos que herdamos e internalizamos sem muitos questionamentos; sombras que dificultam o entendimento ou que influenciam nossas leituras acerca das características e das realidades das populações que ocupam a outra margem desse espelho atlântico.

O discurso jornalístico, instituído para retratar a atualidade, está inevitavelmente atrelado ao cotidiano e, conseqüentemente, à produção frenética de novidades consumíveis de acordo com a ideologia e o estágio das sociedades em que é realizado (Flausino, 1999: 37).

O exercício agora iniciado não deve ser visto, portanto, como algo que ele não se propõe a ser. Nosso esforço nas próximas páginas, e conseqüentemente, o esforço dos leitores, é o de recortar paisagens do imaginário português contemporâneo acerca da África, a partir dos “espaços” dedicados a tratar a África em alguns dos canais da Comunicação Social portuguesa. As peças jornalísticas expostas a seguir foram selecionadas a partir de uma varredura nas edições da *Revista Visão*, publicadas do início dos anos 1990 até meados da atual década. Os motivos que nos levaram a escolher essa revista são simples, e, talvez por isso, um tanto arbitrários, mas acreditamos ter seguido a melhor direção: na área das revistas de notícias semanais, ela representa um dos expoentes editoriais de grande circulação. É claro que a tiragem por edição é significativamente inferior ao número total da população portuguesa, e, muitas vezes, suas trilhas editoriais divergem das encontradas em outros veículos de Imprensa. Mesmo assim, ela serve, como uma espécie de espelho de alguns valores e referências dessa sociedade. De fato, suas reportagens não ocupam o lugar daquilo que chamamos imaginário coletivo, mas são muito provavelmente, reflexos dele, ao mesmo tempo em que o auto-alimentam.

Se os *mass media* fornecem informações “mais ou menos adequadas” ou “mais ou menos fragmentadas”, compete saber se o menos adequado, nesse caso, é encarado como inadequado, sendo, portanto, fruto de desconstrução e contraponto argumentativo na elaboração de conhecimentos históricos sobre um determinado objeto. Ou se, o menos adequado, no sentido de ainda estar localizado dentro de um quadro de normalidade e aceitação, podendo servir como instrumento ou matéria-prima segura e direta para o desenvolvimento de ideias em uma perspectiva do “conhecimento histórico”, se confunde com a própria visão da história elaborada por uma determinada sociedade. Pelo menos esta é uma das conclusões da historiadora

Aida Freudenthal ao defender a importância da valorização do estudo da história africana nas escolas em Portugal (Freudenthal, 1992: 177).

Um argumento parecido é apresentado pelo também historiador e autor de manuais escolares, Arlindo Caldeira, que defende a necessidade de se conceder um espaço de relevo para os estudos africanos, justamente, para que os estudantes recebam uma carga contrária, positiva e crítica de informações e conhecimentos que possa desconstruir as imagens veiculadas pelos *media* portugueses.

(...) decorre da necessidade de fornecer aos alunos os conhecimentos que lhes permitam compreender, de uma forma crítica, a torrente de informações que os *mass media* lhes despejam diariamente sobre a África e os Africanos e que pode tornar-se, em vez de factor de esclarecimento uma fonte de equívocos e de preconceitos (Caldeira, 1995: 552).

Assim sendo, ao partir da premissa que iremos trabalhar com o que se denomina de imaginário coletivo sobre a África, podemos afirmar com alguma segurança que, independente de termos formação superior ou não, sermos professores ou estudantes, portugueses ou brasileiros, nossa postura mental referente à África é influenciada pelos desconhecimentos, pelos estereótipos e pelos tecidos históricos relacionais compartilhados com aquele continente e construídos em um longo, médio ou curto espaço de tempo. Neste caso seria justo observar o papel desempenhado pela imprensa escrita na formulação e perpetuação desse conjunto de imagens, seja acerca de certo tema/objeto – a África - ou das referências que carregamos sobre um grupo de pessoas - os africanos.

Márcia Flausino defende ainda a perspectiva de que o imaginário social precisa ser entendido como “algo partilhado nas relações sociais”, independentemente de origens de classe, de gênero ou de qualquer outro tipo, sendo fruto das tentativas de se estabelecer uma ordenação do mundo, na qual “o homem faz a si mesmo e a sua própria história, além de produzir as crenças, os mitos e as ilusões” (Flausino, 1999: 44). Como consequência disso seria correto afirmar que, “nas sociedades contemporâneas, a construção da notícia faz parte desse processo e é também resultado dele” (*ibid*: 42).

Assim, o imaginário coletivo na produção da notícia é utilizado com o objetivo de mobilizar e de evocar imagens já previamente criadas, publicizadas, utilizando o simbólico para exprimir-se e para existir. É preciso destacar, ainda, que nesse exercício diário, os *mass media* pressupõe a capacidade tanto de assimilação de símbolos pela audiência como desta imaginar a partir de símbolos engendrados. É uma

interferência, ou pelo menos uma tentativa de interferir na constituição, na modificação e na manutenção do imaginário social (*ibid.*: 43).

Dessa forma, diariamente, excluindo um seleto grupo de pessoas que observam a África a partir das noções do relativismo cultural, e que mesmo assim representam visões parcelares e conscientes da precariedade e da exterioridade desse conhecimento, existe uma clara tendência em sintetizarmos e relacionarmos as imagens dos africanos com àquelas veiculadas pela Comunicação Social. Para a pesquisadora portuguesa Isabel Ferin Cunha, “o papel dos Media, (...), tanto pode contribuir para o reforço de estereótipos e de processos discriminatórios, como concorrer para a construção de um sentimento de pertença e de partilha a uma comunidade nacional” (2004: 26). Assim, a escolha da *agenda* de notícias de um determinado meio de comunicação se encontra condicionada, para além das influências políticas, comerciais, estilísticas, contextuais e ideológicas, por um conjunto instrumental de formas de ver e reproduzir leituras dirigidas sobre certos grupos, membros pertencentes ou excluídos de uma sociedade, de indivíduos estranhos ou próximos a ela.

(...) determinadas representações a indivíduos e grupos — envolvendo características, comportamentos e atitudes — vieram promover a estereotipização de identidades — a partir do ingruppo e do ex-grupo — o que não invalidou a evolução destes estereótipos e a sua adequação a novas realidades políticas, económicas e sociais. Os Media (o rádio, a imprensa e, sobretudo a televisão, dada a sua natureza) reflectiriam por excelência estes estereótipos, na medida em que simplificam e condensam informação, sendo facilmente identificados os seus referentes (actores, situações, instrumentos, etc.) (Cunha, 2004: 28).

Se, por um lado, a mídia reflete algumas partes homogêneas desse mosaico de figuras que compõem o imaginário social, espelhando os espaços de intercessão de referências e os conceitos das representações fabricadas sobre determinado tema, não podemos esquecer o fato de que esse mesmo imaginário social é muitas vezes um reservatório heterogêneo de categorias circulantes. As minorias ou grupos considerados excluídos também podem veicular suas interpretações e posturas perante o circuito de eventos que integram o cotidiano. Mas, nos parece inegável que, quando tratamos da imprensa construída para atingir a um grande público e com forte caráter comercial, somos levados a acreditar que suas ferramentas de convencimento acabam por reproduzir imagens já esperadas pelo público leitor, em um movimento de concordância e sedimentação de crenças e olhares. Ou seja, em um duplo sentido, os

*mass media*, refletem e projetam as representações recorrentes de um grupo sobre um determinado objeto ou assunto, ao mesmo tempo em que, se confundem com o próprio imaginário coletivo, revelando os mecanismos de invenção da memória coletiva.

Na escolha do material a ser analisado elegemos como objeto central as capas de *Visão* dedicadas a abordar eventos ou temáticas relacionados à África. Vejamos, portanto, como em 12 capas editadas pela *Revista Visão*, entre 1993-2006, tais elementos imaginários se insinuam. Apesar de parecer plausível pensar que em outras matérias, publicadas em outras revistas, outras imagens da África fossem reveladas, isso não indicaria para uma falta de fundamento em nossa análise. Representante de uma linha editorial ou de um conjunto de valores e leituras de mundo, essa revista reflete e influencia o que chamamos de imaginário coletivo.

Como metodologia de trabalho, adotamos os seguintes procedimentos. Tivemos a preocupação inicial de sistematizar os dados classificando-os a partir de algumas categorias, que nos auxiliaram a perceber, nos textos ou nas imagens fabricadas sobre a África neste periódico, uma série de padrões repetitivos. Enfim, nos propomos a analisar as possíveis mensagens ou ideias centrais transmitidas por cada peça jornalística e quais os tipos de representações fabricadas ou reproduzidas sobre os africanos e a África.

## A ÁFRICA NAS PÁGINAS DA REVISTA *VISÃO*

As mais recorrentes representações da África e dos africanos no imaginário português contemporâneo se encontram impregnadas por um olhar capaz apenas de ver as ações portuguesas em África, sendo marcado por uma grelha de estereótipos, conceitos e categorias, muitas vezes, preconceituosos. Assim, o continente, aparece na memória coletiva, ou nas imagens mentais dos portugueses, associado a dois conjuntos de representações. No primeiro, ganham destaque às lembranças dos feitos heróicos portugueses do período histórico das Grandes Navegações, ou ainda, com maior intensidade, os eventos ligados ao período colonial. Num segundo conjunto de referências imagéticas, os africanos, em África ou em Portugal são associados à inferioridade, à desorganização, à preguiça, à violência, aos conflitos, à miséria e às doenças. Seria justo perguntarmos se as notícias que circulam semanalmente, ou melhor, de tempos em tempos, sobre o continente africano na imprensa portuguesa se confundem com essas representações ou se recebem um outro tratamento<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Sobre as relações imaginárias ou representações imagéticas encontradas na Comunicação Social portuguesa acerca dos imigrantes, inclusive africanos, ver Cunha (2004) e Azevedo (2003).

Se a nossa resposta não pode ser estendida a todos os órgãos e aos vários tipos de imprensa ou dos *mass media* em Portugal, ela se torna reveladora, pelo menos, quando pensamos as formas ou referências emprestadas aos africanos nas capas de *Visão*. Apesar de encontrarmos um número variado de temas e abordagens, e, apesar de não desconsiderarmos o aspecto técnico e a qualidade profissional dos jornalistas e especialistas consultados, em um olhar panorâmico, os dados apontam para uma concentração das matérias em torno de alguns assuntos associados aos dois conjuntos de imagens acima mencionados. Outro dado revelador foi a quantidade de vezes em que a África ocupou a capa da revista.

A opção em analisar apenas as matérias que receberam destaque nas capas, justifica-se pelo fato de encontrarmos no intervalo de anos em estudo, ou seja, de 1993 até 2006, 12 números em que acontecimentos ou temáticas envolvendo o continente e os africanos foram contemplados com esse papel de relevância<sup>3</sup>. No Brasil, como um contraponto, para período parecido, foram localizadas apenas duas edições da Revista *Veja*<sup>4</sup> com capas abordando eventos ocorridos no continente africano. Dessa forma, nossos olhares analíticos acerca das representações de *Visão* se concentraram justamente nos títulos das capas. Neste caso não será realizado, portanto, um estudo pontual do conteúdo das matérias, mas sim dos assuntos abordados. De acordo com Marcia Flausino “na notícia construída para ser o tema da capa, o fato é ‘embalado’ por uma série de dispositivos que preparam a audiência para o sentido ou os sentidos veiculados” (1999: 38).

No âmbito da experiência do leitor, as capas atuam como forma de guiar o olhar da audiência, criando um novo espaço de experiência fora do real, mas dentro da sua representação como real. É como se o leitor tentasse alcançar um objeto tocando seu reflexo em um espelho (idem: 48).

Os doze números da revista portuguesa, aqui tratados, foram publicados em diferentes períodos da trajetória temporal em observação – 1993-2006. Mesmo assim, podemos distribuí-los ao longo de quatro intervalos de anos, correspondentes à ocorrência de eventos que receberam destaque nos *mass media* portugueses, ou então, associados a uma linha de reportagens assumida pela revista, ao dedicar sua atenção à presença ou à lembrança dos portugueses em certas regiões do continente.

<sup>3</sup> Neste caso, acreditamos que o elemento apontado seja fruto das recentes relações históricas construídas entre Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa, dos projetos de cooperação econômica, administrativa e tecnológica e dos fluxos migratórios de africanos para Portugal no período pós-independência, e de Portugal para a África, principalmente para a África do Sul, também nas últimas décadas.

<sup>4</sup> Cf. Oliva, Anderson Ribeiro. Notícias sobre a África: representações do continente africano na revista VEJA (1991-2006). In *Afro-Ásia*, Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA), n° 38, p. 141-178, 2008.

Entre 1993 e 1994, quatro revistas dedicaram sua capa a fatos ocorridos em África – a chegada de Mandela ao poder na África Sul, as guerras civis e os processos de paz em Angola e Moçambique, ou ainda o genocídio ocorrido em Ruanda. Nos anos de 1997 e 1998 foram localizadas outras duas capas, ambas enfocando as diferentes formas de presença portuguesa em África – no passado e no presente - ou os esforços de cooperação estabelecidos entre Portugal e os PALOP, naqueles anos. No terceiro período, que engloba os anos de 2000, 2001 e 2002, encontramos outras três edições, agora com capas de temáticas variadas, que abordavam os relatos de uma grande enchente em Moçambique (2000), a violência urbana na África do Sul pós-apartheid (2001), e, por fim, a morte, em Angola, do líder da UNITA, Jonas Savimbi (2002). Finalmente, entre 2004 e 2006, encontramos mais duas edições que dedicaram suas capas às matérias que tratavam dois assuntos: os sequestros de crianças em Moçambique; e, as novas realidades de Angola, no período do pós-Guerra Civil, mas com ênfase na presença portuguesa naquele país.

Assim, se temos por um lado, a atenção da revista sobre o continente estimulada por certos tipos de eventos, com suas datas marcadas por ritmos diversos, por outro, encontramos um grupo significativo de capas com uma clara afinidade temática. Dessa forma, ao realizarmos outro recorte na distribuição dessas revistas, agora por proximidade temática, poderemos vislumbrar um quadro bastante revelador, e, de certa forma, bem próximo de algumas das representações e imagens mais recorrentes acerca da África no imaginário coletivo português. Neste caso, agrupamos as revistas em outras quatro categorias: a “África Portuguesa” ou a presença portuguesa em África (cinco capas), “Conflitos e Guerras” (quatro capas), “Tragédias africanas” (duas capas) e “Apartheid/Pós-Apartheid” (uma capa). Na presente comunicação iremos analisar apenas a seguinte categoria: a “África Portuguesa”.

## A ÁFRICA PORTUGUESA E OS PORTUGUESES NA ÁFRICA

No primeiro grupo temático de capas, revela-se uma das mais marcantes expressões do imaginário português acerca da África. Se, os olhares lançados de Portugal sobre o continente encontram dois grandes objetos de observação - seus problemas contemporâneos, muitas vezes substituídos pelos estereótipos ou clichês, e a história dos portugueses na região - algo muito parecido se repete nas capas de *Visão*.

Portanto, não nos surpreendemos em constatar que o maior número de capas reunidas sob uma temática enfocasse justamente a presença de portugueses em

África ou reproduzisse a ideia de uma África portuguesa<sup>5</sup>. Tal fato se explica, entre outros fatores, pelas reminiscências, no imaginário português, das influências da ideologia nacionalista que tingiu o sistema educacional e a sociedade portuguesa do final do século XIX até meados da década de 1970 - marcada pela celebração e eternização dos “grandes feitos e heróis” do período das grandes navegações ou do início do período colonial (Torgal, 2001 e 2002; Pintassilgo, 2001). Ou ainda, pelos resultados da presença colonial portuguesa ao longo do século XX, associados à forma traumática que Portugal teve que deixar a África. Neste caso, a revista funciona com um revelador espelho do imaginário português.

Em certos momentos, a África é percebida como um objeto nostálgico, a partir da ótica dos portugueses retornados ou que lá permaneceram após as independências africanas. Em outros, é entendida como um espaço de intervenção contemporânea de Portugal, com seus projetos de cooperação nos mais diversos campos de atuação. Assim, a região do continente abordada – nesse caso, principalmente Angola e Moçambique - perde o papel de protagonista da notícia, que recai sobre os portugueses, suas experiências e memórias. Das cinco capas encontradas nesse grupo, três, parecem transmitir uma mesma mensagem, diga-se de passagem, em nada implícita, de que para os portugueses a imagem da África do período colonial continuava viva, mesmo como um simples instrumento de retorno a um tempo mítico, que nunca tenha de fato existido, mas que persiste em ser lembrado e celebrado.

Na capa da edição número 224 de *Visão*, que circulou entre os dias 3 e 9 de julho de 1997, a chamada da capa foi a seguinte: *Saudades de África: centenas de milhares de portugueses recordam Angola e Moçambique como um paraíso perdido*. Nos parece indiscutível que o recorte explicita uma relação de nostalgia com um passado cada vez mais distante, preservado, pelo menos, na memória daqueles portugueses que viveram em Angola e Moçambique nos tempos do domínio português. A composição da capa reserva espaço ainda para um mosaico de quatro fotografias de Luanda e Lourenço Marques (atual Maputo) durante os anos de controle colonial, funcionando como uma espécie de janela no tempo e de espaço para recordar a presença portuguesa nessas cidades africanas. As imagens retratam a baía de Luanda e os portugueses na praia do Mussulo, em cafés a céu aberto ou nas grandes avenidas. Elas não celebram a África, mas sim a passagem e a permanência dos portugueses naquela parte do continente.

---

<sup>5</sup> A freqüência na qual a ideia de uma “África portuguesa” aparece nas capas de *Visão* é um dado que não pode ser desprezado em nossa análise.

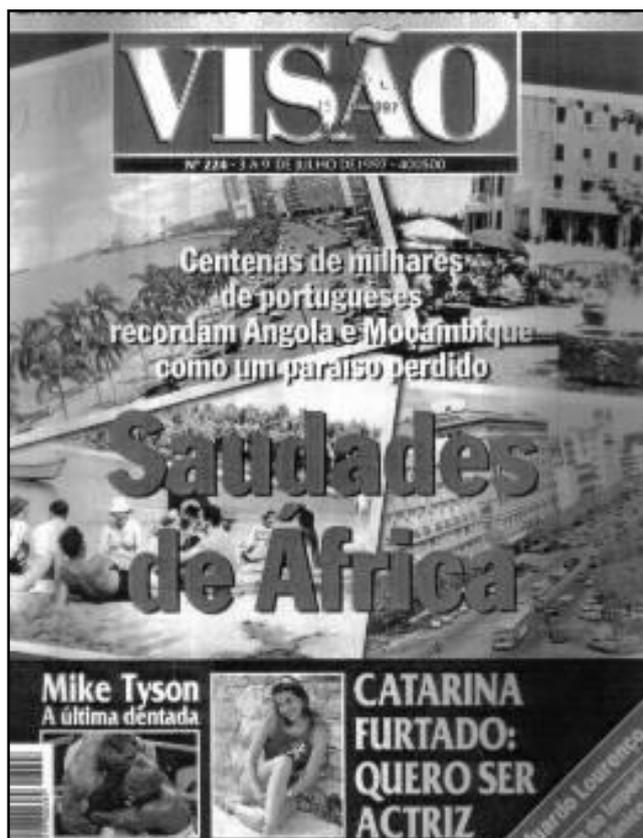


Ilustração 1: *Visão*, nº 224, 3 a 9 de julho de 1997.

Não é de estranhar que em nenhuma das fotos se veja a figura de um africano negro. Neste caso, Angola e Moçambique, figuram como uma espécie de “paraíso perdido” na memória daqueles portugueses que viveram ou nasceram nessas regiões. O texto que complementa a chamada principal da capa evidencia justamente este fato: *Centenas de milhares de portugueses recordam Angola e Moçambique como um paraíso perdido*. A reportagem no corpo da revista abordou a produção e veiculação de um documentário que reuniu imagens da África durante a ocupação portuguesa, o que teria despertado um sentimento de nostalgia em milhares de ex-colonos repatriados após a independência de Angola e Moçambique (Vieira, 1997: 62-67).

Dessa forma, a capa apenas reproduz a ideia de uma saudosa presença lusa no continente, responsável pela criação de um período de desenvolvimento econômico para a metrópole e para as colônias, e de um estilo de vida diferenciado, marcado pelo ritmo da natureza e não do sufocante cotidiano das grandes cidades europeias. Obviamente, nada disso parecia ser uma realidade na ótica dos africanos. A ideia do “paraíso perdido” revela também uma certa mágoa pela chamada “ingratidão” dos africanos em ter rechaçado a tutela portuguesa após tantos benefícios recebidos pelos “selvagens” em Angola e Moçambique. A África, neste caso, transforma-se apenas na

“África portuguesa”, presa por um tempo mítico e marcada pela ausência dos africanos e das características de suas sociedades. É desse espaço que se tem “saudades”.

Essa África não é a mesma do período das Grandes Navegações ou das disputas coloniais europeias do final do século XIX. É a África “civilizada” e inventada pelo colonizador português, na qual os africanos não têm espaço, a não ser como agentes coadjuvantes e auxiliares dos portugueses. Ela surge no cotidiano português como um objeto de conexão entre os eventos de um tempo real e os acontecimentos ritmados pela memória, portanto, reinventados e manipulados. O que importa conhecer e recordar não é a história e as sociedades africanas, mas sim os espaços, práticas e costumes construídos pelos portugueses durante esse período, ou seja, a história dos portugueses na região, ou melhor, a África dos portugueses. E, em tempos de mudanças econômicas, ajustes das contas públicas e reinvenção identitária em Portugal<sup>6</sup> – parece ser fundamental para alguns celebrar o passado como um tempo no qual a vida era melhor, mesmo que não se deseje seu retorno.

Já a revista *Visão*, em circulação entre os dias 2 a 8 de julho de 1998, foi desconcertante na composição de sua chamada de capa, ao fundir a notícia do aumento das ações de cooperação entre Portugal e os PALOP com alguns dos ingredientes mais insinuantes encontrados no imaginário português acerca de África. Sem rodeios e com apelos à memória de África, o periódico acabou por sintetizar uma das mais fortes referências imagéticas sobre o continente. À *África portuguesa* associa-se uma imagem que é simbolicamente perturbadora: sobre um mapa da África, se encontra a figura de uma mulher negra, aparentemente sem roupas, envolvida pela bandeira de Portugal.

---

<sup>6</sup> Que se reflete pelas mudanças na forma como o português se auto-define, ocorridas nos últimos anos. Antes pensado como um país de vocação migratória, da ideologia do “orgulhosamente sós” e dos olhares voltados para fora da Europa (com as relações estabelecidas com os domínios lusitanos, em tempos muitas vezes não sincrônicos, no oriente, na América e em África), Portugal passou a ser um espaço das imigrações e da integração portuguesa à identidade comunitária, auto-centrada e cada vez mais “europeia”.



Ilustração 2: *Visão*, nº 276, 2 a 8 de julho de 1998.

Se for redundante constatar que a temática da reportagem concentrou suas atenções sobre as ações portuguesas pelo continente, parece ser ao mesmo tempo, inquietante, perceber que ao apontar para a ideia da existência de uma “África portuguesa”, a revista acaba por reforçar duas fortes marcas da relação imaginária lusitana com o continente: o olhar paternalista, perceptível na chamada secundária da capa - *Os investimentos aumentam, a cooperação não satisfaz, a diplomacia agita-se, o país tem as ex-colônias no coração. É, neste sentido, a ÁFRICA PORTUGUESA* – e a perspectiva de somente enxergar na África o palco das ações portuguesas. Mais uma vez a referência aos países africanos aparece subjugada à lembrança dos tempos coloniais, já que, para *Visão*, Angola, Moçambique, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe ou Guiné-Bissau continuam a ser as “ex-colônias” e não países africanos. Mais do que isso, essas “ex-colônias” se transformam agora em espaço para a “generosa” iniciativa de cooperação ou para o aumento dos investimentos portugueses.

A desconcertante figura da jovem negra desnuda coberta pela bandeira de Portugal, reforça ambas as ideias, já que o único motivo apresentado para a reaproximação com a África é o fato do “português”, supostamente, ter “as ex-colônias no coração”. Dessa forma, seja pelo fato dos países africanos citados corresponderem

às antigas possessões coloniais portuguesas, seja pelo reforço da presença e da ação portuguesas na região, ela parece tornar-se interessante apenas quando pensada como uma extensão de Portugal.

Uma abordagem muito parecida às descritas acima pôde ser encontrada na edição número 510 de *Visão*, publicada em dezembro de 2002, que trazia na capa a seguinte chamada: *Memórias de África: vinte e sete anos depois da independência das duas ex-colônias, elas continuam a seduzir os portugueses. Histórias de recordações felizes e paixões recentes*. A imagem de fundo reforça a perspectiva do título, ao recriar um cenário de aspecto paradisíaco com uma palmeira em primeiro plano e o mar ao fundo.

Novamente a mensagem mais forte transmitida é a memória de uma África portuguesa, construída durante o período colonial, seja pelo simples exercício de conceder vazão às lembranças daqueles que por lá viveram, seja por uma iniciativa mais sutil, de reproduzir ou manter viva no imaginário a ideia de que um dia houve um “Império colonial” português. Neste caso, estamos diante daquilo que o escritor Eduardo Lourenço denominou de o “Labirinto da Saudade”, ou seja, do apego ao episódio da “expansão” e do império português.



Ilustração 3: *Visão*, nº 510, 12 a 18 de dezembro de 2002.

A escolha da expressão “ex-colônias” sinaliza para a existência de um olhar metropolitano de Portugal para com os países africanos em questão - Angola e Moçambique. Já, as “paixões recentes”, apontam para o crescimento dos investimentos portugueses nesses espaços, tanto no setor econômico como na área de empréstimo de mão-de-obra qualificada. Novamente, a ideia revelada é a de uma África dos portugueses, com suas memórias e experiências naquele continente. Na sequência de capas que se ocuparam em noticiar a presença ou celebrar a memória portuguesa, a edição de número 682 de *Visão*, traz como título a seguinte chamada: *A Nova Angola: O país de todas as oportunidades está a ganhar uma segunda vida. Atrás de um desenvolvimento galopante, portugueses e empresas nacionais regressam sem saudosismos.* Apesar de o enfoque continuar sendo a presença portuguesa no continente, percebe-se uma pequena mudança de abordagem. Parece claro que o objetivo da reportagem é informar aos leitores sobre o período de significativo crescimento econômico vivido por Angola após o fim da guerra civil, em 2002. No entanto, a tentativa de reorganização do país, as necessidades de melhorias das infra-estruturas e as oportunidades de cooperação e investimentos aparecem como elementos coadjuvantes das ações portuguesas na “ex-colônia”. O foco da revista é novamente desviado, dos eventos com começo e fim na própria Angola, para o destaque da participação portuguesa nesse novo momento do país africano. A ênfase na ação de empresas e investidores lusos naquelas terras aponta para isso.



Ilustração 4: *Visão*, nº 682, 30 de março a 5 de abril de 2006.

A guinada de direção – da África para Portugal – é reforçada pela fotografia que ilustra a capa. É uma composição de sentidos híbridos, formada tanto pelos antigos olhares como pela ideia da “Nova Angola” – traduzidos na eternização das belezas naturais, como já havíamos presenciado nas outras capas, e pela presença de uma família portuguesa a desfrutar dos novos tempos. Assim, a citada imagem, de alguma forma, noticia o fato de que o “paraíso perdido” pode ser reencontrado. Mesmo que a chamada secundária procure desmentir tal percepção, ao alertar que esse retorno está a ocorrer “sem saudosismos”, a mensagem final transmitida pelo conjunto formado pelo título e imagem indicam o contrário.

Na última revista do grupo, o tema da capa abandona a antiga área Colonial portuguesa e recai sobre o país com o maior número de imigrantes portugueses no continente, a África do Sul. A edição de número 438, publicada em agosto de 2001, revela uma leitura bastante pessimista com os novos tempos vividos naquele país, transcorridos dez anos do início do processo que levou à desmontagem do apartheid. As mudanças apresentadas nos campos ideológicos, éticos, econômicos, sociais e políticos não parecem ser motivos de entusiasmo.

Ao lado das profundas transformações, o fim do sistema de exclusão gerou também um quadro extremante difícil de ser resolvido na África do Sul, causado principalmente pela enorme desigualdade econômica e educacional entre brancos e negros e pela explosão da violência urbana em várias das grandes cidades daquele país. E foi, justamente este, o ponto de vista que a capa de *Visão* acabou por veicular. Com um título contundente – *Cercados pela Morte* -, a revista parece apontar para um país em plena falência de suas instituições ou de uma sociedade marcada por um estado de insegurança total.

Essa perspectiva é reforçada pela foto-montagem utilizada para compor a capa. Nela aparece um português, morador de Joanesburgo, acompanhado de seu segurança, fortemente armado, e, como elemento simbólico de ligação com título, ambos aparecem por trás de uma cerca de arame farpado.

Mesmo com uma temática diferenciada em relação às revistas anteriores, novamente o objeto principal da reportagem não é a situação na África do Sul propriamente dita, mas como ela tem afetado a vida dos milhares de portugueses que moram naquele país. A imagem destacada sinaliza para isso e, o texto complementar da chamada principal, confirma essa perspectiva: *Mais de vinte foram assassinados nos primeiros sete meses deste ano. Como vivem os portugueses na África do Sul.* Mais uma vez as notícias servem como um pano de fundo para, o que parece ser o objeto de maior preocupação da revista, ou seja, a presença portuguesa no continente.



Ilustração 5: *Visão*, nº 438, 2 a 8 de agosto de 2001.

## OS REFLEXOS DA ÁFRICA NO ESPELHO IMAGINÁRIO PORTUGUÊS

Associando os diversos momentos vivenciados pela construção de imagens sobre o continente africano aos imaginários lusitanos dos dois últimos séculos podemos construir um espelho conceitual, no qual, a África e os africanos seriam assim refletidos nos cenários mentais portugueses contemporâneos.

- África = a presença portuguesa no continente;
- África = Colônias e ex-Colônias;
- África = apartheid e pós-apartheid;
- África = subdesenvolvimento, corrupção, atraso econômico e desorganização;
- África = conflitos étnicos, guerras sanguinárias, massacres e Genocídios;
- África = natureza selvagem;
- África = fome, miséria, doenças, epidemias e Aids;
- Africanos = sociedades tribais, indígenas; primitivas e tradicionais;
- Africanos = imigrantes e problemas (violência urbana, tráfico de drogas);
- Africanos = Mão-de-obra desqualificada, preguiçosos, indolentes.

Ao pensarmos o imaginário coletivo como um reflexo das relações cotidianas que transcorrem em uma sociedade, e as representações como as traduções ou reinvenções dos “objetos” observados, fica claro que, circulam em Portugal um número expressivo de imagens e de discursos que lançam os africanos e a África – no passado e no presente – para posições de pouca importância na trajetória histórica da humanidade, mantendo ainda, muitas vezes, expressões negativas ou pejorativas. Compete sempre lembrar também e, isso parece evidente, que em um caminho paralelo a esse, outras ideias sobre a questão foram elaboradas e receberam sentidos distintos. Porém, seguindo a tendência de observação e conclusão dos autores citados ao longo do texto e das representações da África na revista *Visão*, estamos convencidos da possibilidade de portugueses (inclusive os afro-portugueses ou luso-africanos), angolanos, cabo-verdianos, saotomenses, moçambicanos e guineenses, entre outros, recebam no seu cotidiano uma carga negativa de imagens sobre os africanos.

## BIBLIOGRAFIA

- ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). *A Situação dos Refugiados no Mundo: cinquenta anos de acção humanitária*. Almada: ACNUR, 2000.
- Alexandre, Valentim (org.). *O Império Africano, séculos XIX e XX*. Lisboa: Colibri, 2000.
- Alexandre, Valentim. A África no Imaginário Político Português (séculos XIX-XX). In *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995, pp. 231-244.
- Appiah, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- Azevedo, Joana, et al. *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*. Lisboa: Observatório da Imprensa, 2003.
- Bhabha, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão. As alternativas do olhar: para uma tipologia do Encontro. In *Actas do Simpósio Dimensões da Alteridade nas culturas de Língua Portuguesa, o Outro*. Lisboa: UNL, 1985.
- Caldeira, Arlindo Manuel. A História de África no Ensino não Universitário em Portugal. In *Actas do Colóquio Construção e ensino da história da África*. Lisboa: Linopazas, 1995, pp. 545-553.
- Caldeira, Arlindo Manuel. Algumas notas sobre os programas de história no ensino Básico, em Tempo de Revisão Curricular. In Proença, Maria Cândida (org.). *Um século de Ensino da História*. Lisboa: Colibri, 2001, pp. 133-144.
- Chabal, Patrick. Nós e a África: a questão do olhar. In *Africana Studia*, nº 1, 1999, pp. 67-84.
- Cunha, Isabel Ferin, et al. *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Porto: Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas, 2004.
- Ferro, Marc. *A manipulação da História no Ensino e nos meios de Comunicação*. Paris: Payot, 1981.
- Flausino, Márcia Coelho. A voz rouca das manchetes: como *Veja* mostrou os Sem-Terra em suas capas. In Costa, Cléria Botelho da; Machado, Maria Salete Kern (orgs.). *Imaginário e História*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 1999, pp. 37-48.
- Freudenthal, Aida Faria. História da África no Ensino Secundário, passado e futuro. In *PRIMEIRO ENCONTRO SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA*, realizado em Lisboa, 30-31 de Outubro de 1989: comunicações. Lisboa: FCG/Serviço de documentação, 1992, pp. 173-179.

- Gilroy, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: UCAM, editora 34, 2001.
- Henriques, Isabel Castro. *Os pilares da diferença*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004.
- le Goff, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- le Goff, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- Pintassilgo, Joaquim. A República e o ensino da História: inovações e permanências. In Proença, Maria Cândida (org.). *Um século de Ensino da História*. Lisboa: Colibri, 2001, pp. 53-74.
- Prunier, Gérard. Investigação sobre o massacre de Dafur. In Revista *Le Monde Diplomatique*, março de 2007.
- Prunier, Gérard. *The Rwanda Crisis: History of a Genocide*. Londres: Hurst and Co., 1995.
- Torgal, Luís Reis. A História contada às crianças. In *Primeiro Encontro sobre o Ensino de História – comunicações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp. 35-45.
- Torgal, Luís Reis. Ensino da História e Ideologia. In PROENÇA, Maria Cândida (org.). *Um século de Ensino da História*. Lisboa: Colibri, 2001, pp. 23-40.
- Torgal, Luís Reis. Nós e os outros: Portugal e a Guiné-Bissau no ensino e na memória histórica. In Nóvoa, António, et al. *Por uma História da Educação Colonial*. Lisboa: Educa: SPCE, 1996, pp. 363-378.

### Revista Visão

- Botenquilha, Henrique e Barra, Luís. Angola de Novo. In *Visão*, nº 682, 30 de março a 5 de abril de 2006, pp. 56-66.
- Caetano, Emília. Memória de África, Angola, a terra prometida. In *Visão*, nº 510, 12 a 18 de dezembro de 2002, pp. 68-77.
- Cunha, Sílvia Souto. Moçambique: a nova vaga. In *Visão*, nº 510, 12 a 18 de dezembro de 2002, pp. 78-84.
- Facelly, Albert. O holocausto do Ruanda. In *Visão*, nº 71, 28 de julho a 3 de agosto de 1994, pp. 32-40.
- Júnior, J. Plácido e Ludgero, Inácio. A Coluna do terror. In *Visão*, nº 1, 25 a 31 de março de 1993, pp. 34-38.
- Júnior, J. Plácido e Silva, Gonçalo Rosa. Os dias do Dilúvio. In *Visão*, nº 365, 9 a 15 de março de 2000, pp. 54-63.
- Luís, Filipe e Silva, Gonçalo Rosa. A hora de Mandela. In *Visão*, nº 58, 28 de abril a 4 de maio de 1994, pp. 54-57.
- Luís, Filipe e Silva, Gonçalo Rosa. O mistério Zulu. In *Visão*, nº 58, 28 de abril a 4 de maio de 1994, pp. 53-54.
- Miguel, João Dias e Ludgero, Inácio. O paraíso nunca existiu. In *Visão*, nº 438, 2 a 8 de agosto de 2001, pp. 46-56.
- Miguel, João Dias. Os portugueses e o *apartheid*. In *Visão*, nº 438, 2 a 8 de agosto de 2001, p. 54.
- Narciso, Pedro. Os últimos fiéis. In *Visão*, nº 469, 28 de fevereiro a 6 de março de 2002, p. 54.
- Pavão, Maria João. África Minha. In *Visão*, nº 1, 25 a 31 de março de 1993, p. 93.
- Rapazote, Inês. Perdoar e sensibilizar terceiros. In *Visão*, nº 365, 9 a 15 de março de 2000, p. 64.
- Rebello, José Eduardo. O Grande Compromisso. In *Visão*, nº 58, 28 de abril a 4 de maio de 1994, p. 57.
- Ribeiro, Ana Tomás e Vasconcelos, Luís. Horror em Nampula. In *Visão*, nº 574, 4 a 10 de março de 2004, pp. 58-62.
- Ribeiro, Ana Tomás. A última batalha de Savimbi. In *Visão*, nº 469, 28 de fevereiro a 6 de março de 2002, pp. 52-54.
- Ribeiro, Ana Tomás. O pós-Savimbi já começou. In *Visão*, nº 469, 28 de fevereiro a 6 de março de 2002, pp. 55-58.
- Rita, João Santa. EUA querem encontro com Savimbi. In *Visão*, nº 22, 19 a 25 de agosto de 1993, pp. 44-5.
- Santos, Boaventura Souza. As calamidades e a oportunidade. In *Visão*, nº 365, 9 a 15 de março de 2000, p. 65.
- Serra, Paula. Consultores para todos os gostos. In *Visão*, nº 469, 28 de fevereiro a 6 de março de 2002, p. 55.
- Vidigal, Rogério e Lobo, Joaquim. Moçambique: guerra e paz podres. In *Visão*, nº 22, 19 a 25 de agosto de 1993, pp. 34-6.
- Vieira, Pedro. África Minha. In *Visão*, nº 224, 3 a 9 de julho de 1997, pp. 62-67.

Vieira, Pedro. Regresso a África. In *Visão*, nº 276, 2 a 8 de julho de 1998, pp. 26-32.

Vilas-Boas, Manuel. As monjas de azul-claro. In *Visão*, nº 574, 4 a 10 de março de 2004, p. 60.